

**RELATOS DA PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL NA ESCOLA MANOEL
VENÂNCIO FILHO DA COMUNIDADE DE BARROCAS - ALTO DO
RODRIGUES/RN**

DOI: 10.5281/zenodo.15239279

Lana Mara de Souza Cabral
Pesquisadora de temáticas educacionais

Maria Andréia de Oliveira
Pesquisadora de temáticas educacionais

RESUMO: Este trabalho apresenta os elementos que constitui a prática do Serviço Social na Escola Manoel Venâncio Filho localizada em Barrocas na zona rural da cidade do Alto do Rodrigues/RN. Toda vivência escolar, partindo do princípio o dia - dia escolar do aluno, o acompanhamento dos professores, a relação dos funcionários com os alunos, o que a família pode fazer enquanto sociedade e parte da escola e o apoio aos familiares. Diante de estudos venho materializar que a escola não é somente um espaço de aprender a proposta de trabalho no qual é estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil, é uma prática social que visa ao desenvolvimento do ser humano, de suas potencialidades, habilidades e competências. Na escola o aluno passa sua maior parte de tempo do dia. Deixando um pouco a vivência com a família, se tendo maior número de horas com os funcionários e professores da escola. Tendo como exemplo a escola de atuação ao qual menciono em todo artigo, pois o ensino é integral das séries de 1º ao 5º ano fundamental I, visto logo de cara as reclamações e a fadiga de permanecer o tempo todo na escola, ao invés de estar em casa, estando livre para diversas atividades, muitas vezes o brincar livre, no qual eram habituados a condição. Mas compreendendo que será um investimento para geração de grande valia para o desenvolvimento, habilidades e competências. Que aproximar-se de melhores condições e proposta de oportunidades e mudanças de realidade, de querer uma realidade melhor, sabendo que a zona rural tem suas limitações no qual não se define como rótulo, com pessoas que mesmo com limitações territoriais conseguem ir além do óbvio, alcançando lugares, títulos almejados por muitos em outros fatos que não conseguem alcançar. Finalizo a hipotética em análise a política de educação e todo trabalho e demanda do Assistente Social nas Escolas. O artigo apresentado baseia-se em estudos de pesquisa sobre a prática do Assistente Social na Escola Manoel Venâncio Filho localizada em Barrocas na zona rural da cidade do Alto do Rodrigues/RN.

Palavras-chaves: Assistente Social. Desenvolvimento. Escola. Política de Educação. Ensino Integral. Alunos.

1 INTRODUÇÃO

O Serviço Social implantado nas escolas vem consistir em um objeto a partir da Lei como parte da articulação para a regulamentação da Lei nº 13.935/2019 que rege sobre a oferta de serviços psicológicos e de assistência social, bastante tempo discutido e pesquisado, sentindo a necessidade de relatar sobre o assistente social nas escolas, escolhi uma que é a Escola Manoel Venâncio Filho, que a implantação do profissional se teve em agosto de 2023, ao qual tive a oportunidade da pesquisa de campo, mesmo sendo um

processo embrionário como incidir, as modificações e estabelecendo objetivos para melhor conduzi a minha pesquisa de campo: Identificar as diretrizes das políticas públicas da educação que atuam nas escolas, tratar do cotidiano dos alunos, Tratar a estrutura física e emocional dos alunos, Quais as dificuldades para o ensino integral e Discutir quais mudanças que o ensino integral pode causar para os alunos, a família e sociedade.

Conforme conceitua, que cotidianamente, este serviço atende uma significativa demanda do ensino integral e outras demandas que buscam desenvolvimento quanto ao ensino integral e que nos remete à constatação que não há uma proposta definida de apoio para estas famílias, existindo ações relacionadas as políticas de educação, ensino integral e acompanhamento familiar de forma desarticulada e ainda incipiente.

Com o desígnio de ponderar sobre o ensino integral e acompanhamento familiar, mais individualmente suas implicações no contexto da forma do ensino e contexto familiar, optou-se por apresentar algumas fundamentações teóricas e legais a este respeito.

2 OBJETIVOS

2.1 AS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ATUEM NO ENSINO INTEGRAL AOS ALUNOS NA ESCOLA MANOEL VENÂNCIO FILHO DA COMUNIDADE DE BARROCAS - ALTO DO RODRIGUES/RN.

As políticas públicas a Educação Integral é uma concepção que compreende que a educação deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural e se constituir como projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais. aplicadas para o aluno vêm sendo cada vez mais necessário para uma solução para resolver a questão do desenvolvimento, aonde existe a questão, do ensino integral, tendo o questionamento que iria melhorar ou seria um problema a mais no Brasil.

A educação integral é um conceito complexo e amplo que, de certa forma, já está previsto no artigo 34 da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB) - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 quando esta se refere à progressão ampliada da permanência do aluno na escola, bem como no parágrafo 5º do seu artigo 87, na qual se previu que seriam “conjugados todos os esforços objetivando a progressão das redes escolares públicas urbanas do ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral” (BRASIL, 1996, [s.p]). Essa temática tem sido controvertida há algumas décadas e não se restringe ao significado de horário ou tempo integral, que acontece

quando o aluno passa mais tempo dentro ou fora da escola, mais acompanhado, melhor alimentado e cuidado. A educação integral incorpora, mas não se confunde apenas com horário integral. Isso porque ela procura agregar o processo educacional a uma concepção de conhecimento e de formação humana que garanta o acesso e a permanência da criança na escola com qualidade sociocultural e socioambiental.

Desta maneira da educação integral a valorização das redes de aprendizagens, dos múltiplos espaços em que a educação acontece, o que viabiliza, por exemplo, à abertura da escola a sua comunidade local e também ao que acontece em todo planeta. Ela depende, naturalmente, de um projeto coletivo bem elaborado que saiba aproximar cuidadosamente Estado e sociedade civil, o que depende de decisão democrática de levantar, de criticar e de sempre acreditar que, pela nossa ação, o que fazemos na educação e na sociedade em que vivemos pode ser melhor realizado e com tais fundamentos legais.

O conceito de integralidade também deve ser entendido como um princípio organizador do currículo escolar. Numa escola de tempo integral como, aliás, deveria ser em toda escola, o currículo deve proporcionar a integração de todos os conhecimentos aí desenvolvidos, de forma interdisciplinar, transdisciplinar, intercultural, intertranscultural e transversal, baseando a aprendizagem nas vivências dos alunos (GADOTTI, 2009, p. 98).

Diante de todo esse entendimento, as ideias de currículo integrado e de prática pedagógica integrada numa perspectiva interdisciplinar coadunam-se com essa concepção educacional. A concretização dessa perspectiva de educação integral, entretanto, exige que a escola possa construir uma cultura baseada na educação integral, viabilizando, em seu projeto político pedagógico, os princípios dessa concepção educacional, de modo a orientar toda a organização e desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Em um momento, o ensino integral é acrescido de enfrentamentos, a esses desafios é investir mais tempo e energia, com rigor, circunspeção, e sempre com muita alegria, no que tem chamado de educação integral. Isso se faz tanto no cotidiano das atividades escolares/comunitárias, como no âmbito de participação e acompanhamento das diferentes políticas públicas na sociedade a valorização das redes de aprendizagens, dos múltiplos espaços em que a educação acontece, o que viabiliza, por exemplo, à abertura da escola a sua comunidade local e também ao que acontece em todo planeta.

2.2 MATERIAIS

O COTIDIANO DE ALUNO NO TEMPO DEPENDENTES QUÍMICOS

Para iniciarmos é necessário exemplificar o significado entendido por *drogas*, ponderando que são prováveis diversos entendimentos relacionados em concepções ideológicas, religiosas, culturais, profissionais e outras. Para a proposta desse trabalho identifica-se como mais adequada a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS, 1993) segundo a qual, droga é toda substância, que não foi produzida pelo organismo, mas que é capaz de atuar sobre os seus mais diversos sistemas e alterar seu funcionamento. Ao entender este conceito, vamos distinguir o que está a aconselhar-se pela legislação brasileira, ou seja, se o uso de determinada substância é permitido ou não, tendo-se então, drogas lícitas e ilícitas. Elucidando: o uso do álcool e do tabaco são danosos tanto quanto maconha, cocaína, antidepressivos, mas no Brasil seu uso é permitido por lei (com a restrição da venda para menores de 18 anos), o que os define como *drogas lícitas*. Para chegarmos ao assunto em foco desse trabalho. Encerro as discussões que podem ser consideradas conceituais, é necessário ainda abordar as definições quanto *uso*, *abuso* e *dependência* de drogas. Conforme Duarte (2002), o uso refere-se ao consumo em qualquer quantidade, sendo que o abuso relaciona-se a uma forma de uso/consumo que potencializa os danos para a saúde do indivíduo; e dependência relaciona-se a situações quando o uso/consumo já alterou todo o funcionamento do organismo, trazendo conseqüências não apenas físicas, mas também emocionais, culturais, sociais.

[] o debate contemporâneo sobre os usos de drogas na realidade brasileira tem profunda relação com o debate sobre a questão social, daí a importância de um posicionamento fundamentado e coerente com o projeto profissional do Serviço Social diante do uso de drogas como prática social e das respostas formuladas pela sociedade brasileira à essa prática (CFESS, 2017, p. 1).

Para Freitas (2001), o homem da modernidade é incentivado freqüentemente a utilizar algum tipo de anestésico para seu mal-estar psíquico, para as suas angústias. As exposições performáticas, os espetáculos que cultuam a superficialidade e a fugacidade são marcos importantes de uma sociedade totalmente consagrada aos exibicionismos narcísicos e às teatralidades. A aparência é extremamente valorizada, fazendo com que as pessoas estejam sempre num palco representando personagens que, ao participarem do cenário social, o fazem de forma a exaltar um *eu triunfante*.

Para início de conversa, tendo em foco o cotidiano de uma vida com dependência química, quero expressar em lócus, como vive ou para ser mais precisa como reage uma

peessoa que chegou ao estado de depender literalmente de drogas ilícitas. A droga faz com que aqueles a quem depende dela, se afaste de todos os hábitos saudáveis e culturais, o depende é aquela pessoa que já não tem controle do uso, que depende todos os dias do uso da droga, a vida na “Crackolândia” ou em lugares similares são de dependentes que estão até 9 meses sem tomar banho, que passam semanas usando a droga sem intervalos, até mesmo sem se alimentar, muitas das vezes procurando nas lixeiras restos de comidas para saciar a fome, pessoas que depende da droga vivem sem rumo, longe da família, mesmo assim as famílias vão a procura dos dependentes químicos, mas não conseguem trazerem para casa, o dependente não quer apoio da família, ele se envergonha e não aceita ajuda.

O consumo da droga constitui a promessa de um prazer absoluto e a possibilidade de evitar o mal-estar, e isto faz da droga o mais poderoso dos objetos de consumo e fazem da parceria entre toxicômano e sua droga uma relação inabalável, extremamente destruidora e radicalmente contemporânea (GONZALÉZ, 2002).

Diante de estudos venho concretizar que a dependência química, faz para com que os usuários se tornem pessoas nervosas, debilitadas, que se sentem bem com esse cotidiano, mas que na verdade não estão. Passando dias de escravidão, feitos de alucinações adquiridas por causa do uso da droga, ocorrendo o risco de transmissão de doenças para aqueles usuários que fazem o uso injetável da droga. Deixando em momentos a desejar, o que fazer como fazer para que essa dependência tenha um termino, se a sociedade muitas vezes nos incentiva a ser usuário, onde muitos casos viram dependentes, será preciso chegar em um estado de doença física e mental para abordar uma concordância que aproximar-se a hora de mudar de vida, de querer uma realidade melhor e não ser rotulado de um “noiado” como muitos tem o habito de falarem por ai, se fosse fácil, não existia as clinicas de recuperação, aonde algumas chegam a custar a estadia de dois mil reais por mês, para um tratamento, havendo vários casos que, os dependentes químicos passam por mais de 10 internações , e assim rever tudo que passou e querer esta limpo, ser restaurado, mudar de vida e recomeçar do zero, entendendo que aquela dependência não era boa para o dependente e altera a família.

2.3 METODOS

A ESTRUTURA FÍSICA E PSÍQUICA DOS DEPENDENTES QUÍMICOS

Diante da sociedade que vivemos em uma sociedade regida e organizada segundo a lógica do consumo, num tempo dos objetos, que intermediam as relações entre

humanos e qualquer coisa, inclusive o sujeito está à mercê de se tornar um objeto (BAUDRILLARD, 1970).

Dependência psíquica: situação na qual existe um sentimento de satisfação e um impulso psíquico, que exige a administração regular ou contínua da droga, para produzir prazer ou evitar mal-estar. Esse estado mental é evidentemente o mais potente de todos os fatores implicados na intoxicação crônica com drogas psicotrópicas, e pode ser o único fator em certos tipos de drogas.

Dependência física: estado no qual, após a administração repetida de uma droga, o organismo passa a necessitar a presença dessa droga para o seu funcionamento normal. O estado de adaptação manifesta-se pelo aparecimento de intensos transtornos físicos, quando interrompe a administração da droga (SILVEIRA FILHO, 1996).

Ao se tornar regular o uso de drogas psicotrópicas desencadeia outra reação básica além da dependência, que é a tolerância. Acontece quando determinada quantidade de droga tem cada vez menos efeito no organismo do indivíduo que a ingeriu. Assim, à medida que o Sistema Nervoso Cerebral se adapta à droga, sendo que o usuário precisa de doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito. Esse fenômeno parece resultar de reações naturais do corpo, que reage como se “soubesse” que a droga é uma substância estranha, preparando defesas para neutralizar seus efeitos (COX, 1988).

De modo que na tolerância física, o organismo pode metabolizar cada vez mais rapidamente a droga, eliminando-a mais depressa, incluindo-a num novo equilíbrio metabólico funcional e criando maior resistência física. Essa tolerância tem fundamentos biológicos e independe da vontade. Existem outras pessoas que não se saciam com o estado atingido e querem cada vez mais, de maneira que tomam doses cada vez maiores. Tornam-se tolerantes ao bem-estar, acostumando-se e exaurindo-se rapidamente os estados recém-adquiridos. É a tolerância psíquica, que não depende do organismo: é regida por mecanismos psíquicos (SILVEIRA FILHO, 1996).

E para melhor esclarecer que existem drogas ilícitas que em segundos torna uma pessoa dependente, por existir substâncias muito fortes que fazem dos usuários um dependente rapidamente. O dependente Químico adquiriu um comportamento o comum, caracteriza por ser excessivo, compulsivo, fora do controle e psíquica fisicamente destrutivo.

O corpo habitua-se ao elemento estranho incorporado, lhe dá lugar e pede mais; se não o recebe, emite sinais que tornam a carência irresistível. Todas as drogas podem gerar dependência, embora em distintos graus, mas nem todas determinam o fenômeno

da tolerância (COX, 1988).

3 RESULTADOS

Ponderando que o objetivo desta pesquisa é estudar a pessoa notável do dependente químico, através de entrevistas e triagens social, nas quais o sujeito é solicitado a descrever suas experiências vividas na relação com as drogas, com as pessoas de seu meio social e familiar e consigo mesmo, tendo como método de pesquisa escolhido o qualitativo.

A pesquisa qualitativa foi escolhida para este trabalho, devido a sua característica de lidar com os fenômenos, entendido como algo que se manifesta na consciência do sujeito, ou seja, aquilo que é vivido e descrito pelo sujeito enquanto experiência consciente que constitui sua subjetividade. Não seria adequada a utilização da pesquisa quantitativa, pois ao invés de lidar com o fenômeno, ela trabalha com o fato. Entende-se como fato, tudo aquilo que pode ser estudado de forma objetiva e rigorosa pela Ciência (MARTINS; BICUDO, 1987).

O objetivo da pesquisa foi para descrever e compreender as experiências vividas pelo dependente químico, focalizando os aspectos que facilitaram a iniciação, manutenção e suspensão do uso da droga; os significados que esta tem para ele; e as consequências geradas pela dependência química em sua personalidade e em sua vida como um todo. Neste sentido, através de entrevistas pretendeu-se investigar as relações que esse indivíduo. Abrangendo, através dos relatos verbais dos sujeitos dependentes químicos a respeito de suas relações consigo mesmo, com a família e com os outros, a pesquisadora teve a intenção de perceber as descrições individuais e os fatores psicossociais que desencadearam a dependência química.

Ao fazer a entrevista, a pesquisadora escolheu dois sujeitos, tendo como escolha os dois mais antigos, foi preciso ir até a comunidade terapêutica Esperança, localizada no Sítio Cuó, distrito de Ipanguaçu/RN, onde foi feito por relatos, sob a forma de entrevista. Os dois participantes concordaram e se dispuseram a colaborar com a pesquisadora. Os participantes da pesquisa eram, no número de duas pessoas, dependentes químicos, do sexo masculino, com faixa de idade de 30 a 44 anos, que estão internados há quase 4 meses na Comunidade terapêutica Esperança, tendo como objetivo fazer um tratamento para não consumir mais drogas ilícitas, e um dos participantes já está como monitor da comunidade.

Participante 1, tem 44 anos, casado, tem 4 filhos, natural de Macau/ RN, tem

profissão de pintor, e está há 6 meses sem o uso da droga e está na comunidade Esperança há 3 meses e 20 dias, fez uso de drogas por 26 anos.

Participante 2, tem 30 anos, solteiro, não tem filho, natural de em Assú/RN e mora com os pais, tem profissão de mecânico, e está há 1 mês sem fazer uso de drogas, fez uso de drogas por 18 anos.

Como instrumento de coleta e registro dos dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas abertas. A opção por esse tipo de entrevista foi devido à sua flexibilidade, permitindo uma maior riqueza e profundidade do conteúdo das informações colhidas. As entrevistas foram escritas no decorrer da entrevista, com duração em torno de quarenta minutos e uma hora, com o participante 1 e 2 respectivamente. As entrevistas foram realizadas em uma das salas da Comunidade terapêutica, o que proporcionou a cada participante ser entrevistado individualmente em um ambiente adequado para a pesquisa.

Antes de iniciar a coleta dos dados foi exposto aos entrevistados uma carta de apresentação e termo de consentimento, para que eles ficassem cientes das condições da pesquisa e que concordassem em participar da mesma.

Confirmando o entendimento de Queiroz (1988), a entrevista semiestruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre investigado e investigador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do investigado só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa. O investigador na pesquisa qualitativa está preocupado em interpretar subjetivamente as experiências vividas pelo investigado.

Na entrevista, na pesquisa qualitativa, não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, dialógica. Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação de experimento.

Logo após de estarem realizadas as entrevistas com os dependentes químicos, transcritas e analisadas, resta discutir os dados que foram obtidos para o objetivo desta pesquisa. Quero recomendar, que o número de participantes não constitui algo de fundamental importância na pesquisa qualitativa, sendo mais importante a qualidade da amostra, ou seja, os tipos de sujeitos pesquisados que devem ser representativos do fenômeno em estudo, como também, os relatos verbais destes, acerca de suas vivências relacionadas à dependência química.

3.1 AS DIFICULDADES PARA O TRATAMENTO

Diante dessa realidade foi proporcionada uma finalidade com o instrumento das entrevistas, perpetrou com que conseguimos um resultado em que podemos avaliar as dificuldades do tratamento com suas particularidades. A vida com drogas não é nada fácil, a dependência tem cada dia se tornado um tanto complexo, precisamos ter um olhar mais cuidadoso antes de julgar, depender de drogas não é uma escolha, foi algo que se foi experimentado, e no decorrer do tempo se tornou dependência, sem ao menos perceber, quando uma pessoa aproximar-se ao ponto de dizer que precisa de ajuda, quer dizer, muito além do que isso, para admitir que é dependente químico não é um caminhar tão simples, e dizer que quer ir para uma comunidade terapêutica é um pouco de extrema necessidade, pois o dependente estará isolado de tudo que gosta, da droga, da sociedade e de familiares.

O tratamento é um pico de altos e baixos, existem momentos em que o dependente acredita esta liberto das drogas, mais diante de estudos e convivência sabemos que não é tão simples, abstinência provoca varia reações, e uma delas é o estado em que o sujeito tem a anciã de ir embora do tratamento por se sentir tão bem , mas assim que sai, corre para aonde tem as drogas, tendo uma recaída e depois de algum tempo, voltar a se sentir mau e quer voltar novamente para o tratamento, a Comunidade terapeuta não aceita reincidente, acreditando que caba atrapalhando os outro dependentes, como tivesse a impressão que eles poderiam sair e voltar a qualquer momento , tendo em vista que não seria viável para Comunidade e não teria progressão o tratamento.

Notadamente, o dependente químico consegue perceber que o uso da droga está lhe fazendo mal, mas mesmo assim, ele não consegue largá-la, devido à forte vontade que sente em usá-la e por não ter controle sobre si mesmo. O participante 1 disse: “passo a perceber que isso está me fazendo mal e como não consigo me controlar, deu a vontade de usar, eu sei que ela está ali, mas porque tenho que usar e não consigo? É maior do que eu possa resistir”. O participante 2 também demonstrou na sua fala: “não agüentava mais, já estava me sentindo mal e pensei: ‘tenho que parar se não eu vou morrer, tenho que fazer alguma coisa, o que? Então comecei a usar o crack mais ainda”.

3.2 MUDANÇAS DO TRATAMENTO PARA A FAMÍLIA E SOCIEDADE

Quando falamos em dependência química, nos referimos aquelas pessoas que já

não conseguem viver sem se quer um dia ou semana, a permanecerem sem o uso da droga, quero ressaltar que a dependência esta ao longe de ser o sujeito e droga, existe a outra parte que é a família, aqueles que sofrem juntamente com o sujeito, que vão até as “bocas de fumo” saberem se seu entes queridos estão “bem”, pessoas envolvidas com drogas, envolvem também a família, que permanece a ser preocupados sem saber qual será o fim dessa história, à partir do momento que o dependente pede ajuda, a família, revigora a esperança de dias melhores.

Ao abordar essa questão, entendemos através de pesquisas e estudos que o tratamento para dependentes químicos é possível, que vidas podem ser transformadas e famílias podem ser restauradas. Os diferentes atores precisam ter claro que nenhum setor tem poder satisfatório para dar conta das questões do dependente e de seus familiares, e que a ação Inter setorial pode possibilitar resposta mais potente e resolutiva, em vista das articulações possíveis de serem feitas ao se trabalhar em rede. As redes articulam pessoas e instituições que buscam soluções de maneira compartilhada, na superação de problemas sociais. Nesse sentido, as redes devem ser orientadas na sua ação, buscando respeitar a autonomia e as diferenças de cada membro partícipe (Junqueira, 2000).

Importa destacar que a integração e efetivação das políticas de saúde, de ação social, de educação, do esporte, cultura e lazer, o apoio de legisladores, de profissionais da justiça, da família, dos próprios dependentes é que garantirão uma mudança de paradigma em relação à prevenção e a assistência referente ao uso de álcool e outras drogas na contemporaneidade. Cabe lembrar a importância do envolvimento e responsabilidade da sociedade e da mídia em relação a essa mudança de paradigma e em relação ao enfrentamento dessa problemática, ao se ter o cuidado de realizar as ações preventivas e de tratamento de maneira ética, técnica e legal.

Conforme conceitua, ao entender através dessa pesquisa a recuperação de um dependente químico evidencia muita transformação para a família do mesmo e para sociedade em um todo, Cabe também aos especialistas orientar as famílias de como se relacionar com dependentes químicos em tratamento, que me interessa o conceito de que pessoas tendenciosas a terem recaídas, que já fizeram o uso de substancias químicas, jamais podem ter a mesma vida, da qual tinha com as drogas, por esse motivo, em vez de ser um ex. dependente químico, fica melhor esclarecer que o sujeito, precisa de um tratamento por muito tempo depois que sai da comunidade terapêutica, mesmo abordando de uma evolução ampla, e é de extrema necessidade ser orientado,

fazer tratamento terapêutico com um psicólogo ou algum profissional afim, a importância de total apoio da família e amigos. Conviver com pessoas que os levem a leveza de uma cura e não de pessoas que o possam cometer testes de abstinência ou algo do tipo. Quero terminar que a cada recuperado a sociedade tem a comemorativa de dar um passo de evolução, a dependência química, muda o caráter das pessoas, em muitos casos tornando as pessoas em más índoles, que podem se envolverem com violência e criminalidade, esclarecendo que a saída das drogas diminui a criminalidade e a venda ilegal das substâncias químicas que provocam tanta confusão, desespero e infortúnio na sociedade.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve o objetivo de entender o cotidiano de um dependente químico e como seria o tratamento para deixar de usar drogas ilícitas. E possibilitar um esclarecimento para sociedade que não é uma escolha ser dependente químico, que estamos totalmente expostos a ter uma curiosidade que poderá nos levar rapidamente para a dependência, que viver dependente é esquecer o mundo lá fora e viver apenas mundo interior, que não existe idade, raça, sexo, classe social. A droga ilícita vem chegando nas famílias de forma brusca, e os familiares não sabem como agir, e este artigo esclarece um pouco os orientando como lidar com o usuário de drogas.

Ao mesmo tempo relatando através do instrumento de pesquisa qualitativa em forma de entrevista, podemos expressar aquilo que foi ouvido por dois dependentes químicos que a mais de 15 anos estão “presos” a essa realidade. A droga é um problema social, econômico, familiar que muitas vezes gera violência e criminalidade e podemos falar um pouco sobre esse assunto, que há anos se comenta e se torna tão atual e complexo.

Almejo ainda, publicar os resultados obtidos para estudo de pesquisas, bem como para os profissionais interessados a fim de oferecer subsídios teórico-metodológicos que possam contribuir para o fortalecimento da rede intersetorial de atendimento na área de comunidades terapêuticas, tratamento de dependentes químicos.

Portanto, é possível entender que para a compreensão do fato da dependência química e a repercussão desta problemática no que diz respeito a natureza familiar, faz-se necessário considerar os diferentes determinantes e desafios ainda começados na contemporaneidade, com vistas o acréscimo dos nossos horizontes em analogia a esta temática, em outras palavras, precisa-se abordar a drogadição como uma categoria

transversal presente em vários contextos da vida cotidiana e que se apresenta com diversos aspectos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 31. ed. rev. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2003a.
- CFESS. **CFESS Manifesta. Dia Internacional de Combate as Drogas**. 26 de Junho de 2011. Disponível em:
http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2011_SSdebateusosdrogas_APROVADO.pdf. Acesso em: 20 de Janeiro de 2017
- COX, M. W. (1988). **Tudo sobre drogas: Personalidade do viciado**. São Paulo: Nova Cultural.
- DUARTE, R. (2002). **Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo**. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessado em 05 de Janeiro de 2017.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREITAS, M. T. A. (2002). **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessado em 07 de Janeiro de 2006.
- GONZÁLEZ REY, F. L. (2002). **Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios**. (M. A. F. Silva, trad.). São Paulo: Pioneira. (Trabalho original publicado em 2000).
- JUNQUEIRA, L.A.P. Intersetorialidade, transetorialidade e redes sociais na saúde. *Rev. Adm. Pública*, v.34, n.esp., p.35-45, 2000.
- MARTINS, J.; BICUDO, V. (1987). **A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes.